



Trotes em calouros da Esalq são os mais graves, aponta presidente de CPI

Comissão Parlamentar de Inquérito investiga as violações dos direitos humanos nas universidades paulistas



Nilo Belotto/JP

Cinco professores da Esalq foram convocados para depor à CPI na quarta-feira, dia 21



Divulgação/Alesp

Deputado Adriano Diogo (PT) afirmou que direção não pode ser eximida de responsabilidades

André Thieful
andrethieful@jornal.com.br

O deputado Adriano Diogo (PT), presidente da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) instalada na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e que investiga as violações dos direitos humanos nas universidades paulistas, disse que os trotes aplicados aos calouros da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) são os mais graves dos apurados pela comissão. As humilhações impostas aos novos alunos passam por situações de nudismo, doping, estupro, agressões físicas e escatologia.

A CPI ouviu até ontem 30 pessoas de um total de 200 que devem ser entrevistadas pelos

integrantes da comissão. Cinco professores da Esalq foram convocados para depor na quarta-feira, 21. "Piracicaba (Esalq) é a campeã da tortura, é a campeã da vergonha. Dava para fazer uma CPI só da Esalq", disse o deputado à reportagem do **Jornal de Piracicaba**. Segundo ele, trotes terríveis acontecem nas repúblicas, mas a direção não pode ser eximida de responsabilidade. "As repúblicas são extensão do campus. Os casos da Esalq são de tal gravidade que queriam sigilo", completou.

O prazo para entrega do relatório da comissão é 15 de março. Ao ser concluído, o documento será encaminhado para o Ministério Público, que poderá abrir inquérito para investigar as denúncias e apontar os responsáveis.

"Cabe ao MP incriminar", afirmou. Para o deputado, o trote deve ser criminalizado e ser enquadrado no capítulo da tortura. Além disso, "um dos efeitos da CPI é criar na sociedade um consenso que os trotes têm que acabar".

De acordo com a assessoria de imprensa da Alesp, antontem foi ouvida a estudante da Esalq Jade Gonçalves Ribeiro. Ela relatou as violentas práticas de trote que têm se tornado recorrentes nos depoimentos de todos os estudantes que comparecem à CPI. Jade relatou que, assim que soube ter sido aprovada no vestibular, foi advertida por uma amiga sobre a violência dos trotes que ocorrem na faculdade. Contou, a exemplo do que alunos já fizeram anteriormente, sobre o trote chamado Ralo Monstro, que leva alunos despi-

dos e bêbados para um canalial, e lá são abandonados para voltarem nus às repúblicas. Em outros trotes, calouros são agredidos em pancadarias com ripas de estrado de cama, obrigados a ingerir uma mistura de urina com cerveja, ingestão de vômitos e situações de homofobia. A "temporada" de trotes começa na semana de recepção e termina em 13 de maio, quando se comemora a libertação dos escravos.

O sociólogo Antonio Ribeiro Almeida Júnior, docente da Esalq, depôs na sexta-feira, 9, na CPI. O professor, que realiza pesquisa sobre esse assunto desde 2002, classifica os trotes em duas categorias de instituições: a primeira, em que o trote ocorre de maneira eventual, ou seja, um aluno humilha e provoca o outro, ocasionando si-



Dava para fazer uma CPI só da Esalq. Os casos são de tal gravidade que queriam sigilo



Adriano Diogo, deputado e presidente da CPI

tuações graves em que pessoas ficam feridas ou humilhadas. A segunda situação ocorre quando o trote se torna recorrente, violento e faz parte da cultura da instituição, envolvendo docentes, alunos e funcionários.

A primeira reunião da CPI foi realizada em 17 de dezembro do ano passado. O objetivo da comissão é investigar as violações dos direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das Universidades do Estado de São Paulo ocorridas nos chamados 'trotes', festas e no cotidiano acadêmico. O diretor da Esalq, José Vicente Caixeta, que deixa o cargo hoje, e o professor Luís Gustavo Nussio, que assume a direção da faculdade, foram procurados, mas não atenderam as ligações feitas em seus telefones celulares.